



Director literario:

Alcides Campesina
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

Zarraca de Tandoches



De capacete e de farda,
Finge Pum que é um bombeiro,
—Acudam! Fogo! O' da guarda!
(Gritava a Pam n'um berreiro).



O policia de serviço,
Com ares de espertalhão,
Ouvindo tal reboliço,
Corre a avisar a estação.



E dos quartéis dos bombeiros
Partem piquêtes, brigadas,
Correndo todos ligeiros,
Com agulhêtas e escadas.



E os bombeiros a valer
Que não são p'ra brincadeiras,
Puzeram logo a chover
As suas longas mangueiras.



Pim, Pam e Pum, por debaixo
De um guarda chuva, pasmados.
Clamam chorando: O' diacho,
Já chovem homens fardados!



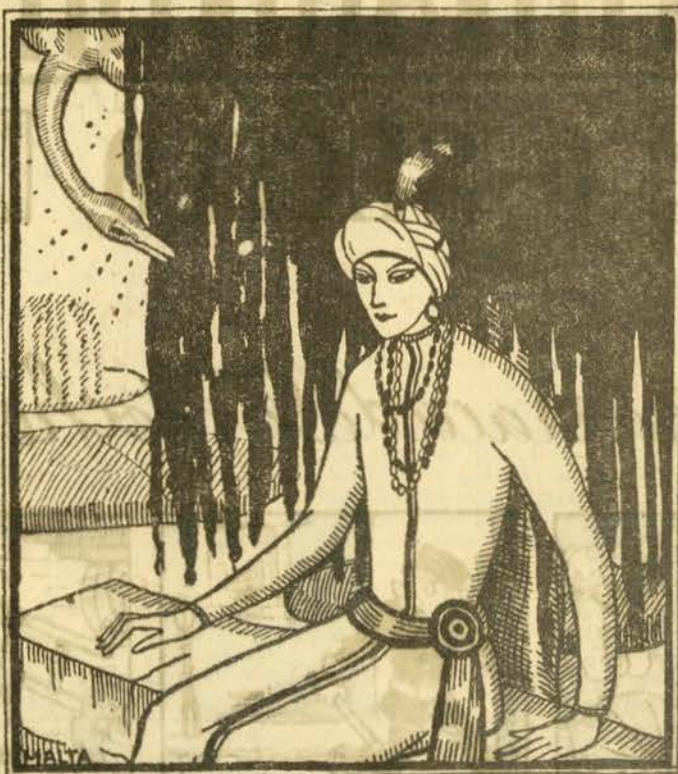
Mas percebendo, afinal,
Daquela chuva as razões,
Como castigo do mal,
Recorrem aos esfregões.

A história de Nala e Damayanti

(Conto indiano)

— Adaptação de Mario Alves Pereira —

A história que hoje começamos a publicar é extraída dum episódio do Mahabharata, um dos mais velhos poemas da humanidade.



Este poema conta cerca de duzentos e vinte mil versos e parece ter sido coligido por um personagem quasi lendario chamado Vyôso.

REINAVA outróra no paiz dos Nishadhas um rei chamado Nala. Era este rei tão belo e poderoso que, quando passava pelas ruas da cidade á frente do seu exército, ao vê-lo, o povo o comparava ao Sol no esplendôr da sua gloria; e quem uma vez o visse nunca mais o poderia esquecer; por toda a terra lhe erguiam cantos e louvôres.

Nala tinha um irmão chamado Pushkara; pequeno e fraco fugia das multidões e escondia-se sempre que havia alguma festa no palacio; ninguém sabia, ao certo, se ele era valoroso ou covarde; parecia ter por unico desejo o de viver ignorado.

Nala, depois dos conselhos de estado em que tratava dos negocios do seu reino, gostava, ás vezes, de se entreter jogando os dados. E, apesar da sorte que quasi sempre o protegia, não guardava nunca os lucros que ganhava, antes os distribuia e dava aos pobres. Acontecia por vezes que, ao ruido do jogo, Pushkara saia do seu isolamento; silencioso, seguia as fases da partida, lançando sobre o dinheiro de Nala olhares de inveja e, quando este o repartia, encolhia furtivamente os ombros e, desdenhoso, retirava-se.

Tambem no pais dos Vidarbhas reinava então um rei magnanimo chamado Bhima que tinha

uma filha, Damayanti, de nome, que era a mais linda de todas as virgens. Dos seus lábios, onde um sorriso lindo se entreabria, erguia-se uma voz que parecia sempre que cantava. Bhima adorava-a e tinha-lhe dado para servas as mais lindas raparigas do seu reino; mas Damayanti, entre elas, fulgia como o relampago entre as nuvens sombrias.

*

Ora aconteceu que um dia estava Nala descansando em seu jardim á sombra dumas árvores quando viu descer do ceu, voando para ele, um cisne de asas de ouro; a ave poisou tão perto que o rei pôde apanha-la.

Eis que o cisne então falou e disse:

«Não me mates, ó rei! Se me deixas viver, eu saberei compensar-te. Irei ao paiz dos Vidarbhas e falarei á linda Damayanti; Damayanti é a mais encantadora das princesas; e ela ficará sabendo que tu és o mais belo e o mais poderoso dos reis. . . E então verás que ela não ha de querer, além de ti, outro senhor. . .»

Nala sorriu. Uma lágrima alegre bailou sobre os seus olhos. E livre o cisne partiu, num vôo rapido, para o pais dos Vidarbhas.

*

Damayanti andava passeando com as suas aias, ao pé dum lago onde florião lotus, quando o cis-

ne de asas de ouro, cruzando o espaço, foi poisar nas águas; nadando sempre afastou-se para a margem oposta.

E Damayanti, ao vélo, deixando as suas aias, correu alegre ao seu encontro. E eis que o cisne disse então para a princesa: «Escuta, ó Damayanti: é um mensageiro que te fala. No país dos Nishadhas vive um rei chamado Nala. Não tem rival entre os homens, é forte e é sábio. Vivo no céu entre os Deuses e entre as Deusas; de nenhum sei tão belo como Nala; nenhuma ainda vi tão linda como tu. És uma joia, ó Princesa, entre as demais mulheres; por isso que ao melhor se junte a que é melhor.»

Damayanti ouvia o cisne e olhava-o docemente, os lábios num sorriso, como uma flor a abrir-se. O cisne já não falava e Damayanti, calada, reflectia...

E acariciando o cisne de asas de ouro, disse enfim: «Vai... Vai procurar Nala. Que ele

se meta a caminho e venha ao paiz de meu pai e se ao mais preclaro rei não desagrada a mais

humilde das princesas, a princesa também será feliz...» Beijou o cisne e este erguendo o vôo partiu de novo para o país dos Nishadhas.



Mensageiros percorreram a terra.

O rei Bhima mandara convocar todos os reis para uma assembleia onde a princesa Damayanti escolheria enfim o seu esposo. Assim era costume nesse tempo. E todos os reis se prepararam alegremente para comparecer no país dos Vidarbhas, no dia anunciado.

Também Nala recebera o mensageiro de Bhima, prestando-lhe as maiores honras. E, se bem que nunca o rei tivesse visto Damayanti, amava-a agora mais do que a tudo no mundo.

(Continua)

Bibliografia infantil

Obras recomendadas pelo PIM PAM PUM!

Quadros infantis e Historias verdadeiras. — (Historia de Portugal para as crianças). —

Narrativas de Augusto de Santa-Rita, com ilustrações de Eduardo Malta. 1º Fascículo contendo a descrição do Condado de Portugal e dos principais feitos de D. Afonso Henriques. Acompanham este fascículo dois quadros historicos que se destinam a ser coloridos pelas crianças, por meio de papeis de cor, colados e sobrepostos, segundo os modelos juntos. Trabalho manual altamente interessante e educativo. — Formato Album — Edição de luxo.

Preço do primeiro fascículo: 10 escudos. — Envia-se pelo correio contra pagamento em carta fechada e dirigida ao director do PIM PAM PUM!

AOS EDITORES

De todas as obras infantis, de que nos sejam enviados dois exemplares, faremos referencia nesta secção, desde que sejam dignas de serem recomendadas.



História do Lobo e dos Cabritinhos



ERA uma vez uma Cabra que morava numa cabana com os seus Cabritinhos.

A Cabra precisou uma manhã de ir à cidade vender manteiga. Chamou os Cabritinhos, e disse-lhes assim:

— «Eu vou sair. Quando estiver de fora, fechem a porta, tranquem-na bem, e só abram a quem lhes mostrar por baixo dela uma pata branca. Perceberam?»

— «Percebemos, percebemos», gritaram ao

mesmo tempo os Cabritinhos. «Percebemos, percebemos muito bem!»

A Cabra saiu à rua, e disse aos filhos:

— «Ora fechem lá a porta. Tranquem agora. Está bem trancada?»

— «Está bem trancada! Está bem trancada», responderam eles.

— «Bem», disse a Cabra. «Até logo!»

— «Até logo!»

E os Cabritinhos, bem fechados na sua cabana, começaram a pular e a brincar.

Ora o Lobo, que estava escondido ali perto, viu passar a Cabra para a cidade, e pensou assim:

«Bem. A Cabra vai para a cidade. Há de demorar-se. E os Cabritinhos ficaram sós. É boa ocasião para os ir comer.»

E dirigiu-se para a cabana, para ir comer os Cabritinhos. Quando chegou bateu à porta:

— Trus — Trus!

E os Cabritinhos perguntaram de lá de dentro:

— «Quem é?»

O Lobo fez a voz mais doce que podia, e respondeu:

— «Sou a Cabrinha, a vossa mãezinha. Abram depressinha!»

E os Cabritos disseram de lá de dentro:

«Mé-mé!

«Mostre a pata branca, mostre a pata branca; só se tira a tranca para a pata branca!

Mé-mé!»

E desataram a pular e a bailar.

O Lobo ficou atrapalhado porque tinha uma pata preta como um fição. E disse-lhes assim:

— «Ai, agora é que eu vejo que me esqueci do meu cesto lá ao longe! Vou buscá-lo e volto já.»

E o Lobo meteu-se a caminho por entre as sebes, para não ser visto, e foi contar tudo à sua amiga Raposa, que era (como todas as raposas) uma grande espertalhona.

— «Ora!», disse a raposa. «Isso é fácil. Tenho aqui um saco de farinha. Põe-se farinha na tua pata, e fica mais branca do que a própria neve. Mas há de trazer-me um Cabritinho para mim! Venha a pata!»

O Lobo estendeu a pata, e a Raposa enfarinhou-a toda. Voltou o Lobo para a cabana da Cabra, e bateu outra vez à porta:

— Trus — Trus!

E perguntaram de dentro os Cabritinhos:

— «Quem é?»

O Lobo fez a voz mais doce que podia, e respondeu:

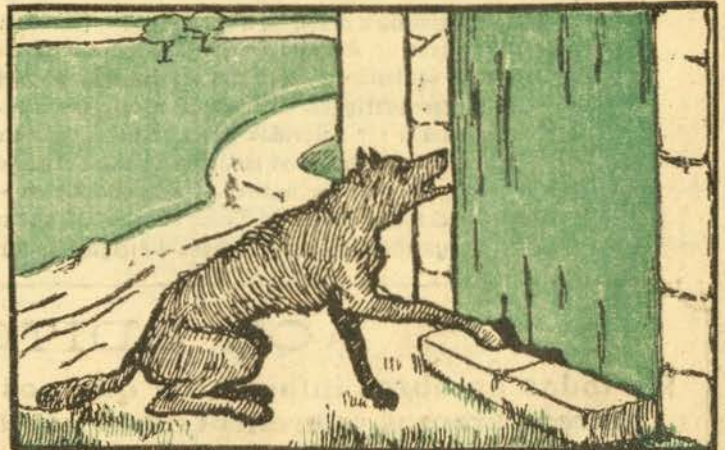
— «Sou a Cabrinha, a vossa mãezinha. Abram depressinha!»

E os Cabritinhos disseram de lá de dentro:

«Mé-mé!

«Mostre a pata branca, mostre a pata branca; só se tira a tranca para a pata branca!

Mé-mé!»



O Lobo meteu a pata por baixo da porta. Mas no caminho, com o andar, tinha-lhe caído muita farinha; e ao roçar na soleira da porta caiu o resto. De maneira que a

pata apareceu lá dentro, aos Cabritinhos, toda negra como um tição.

Os Cabritinhos fizeram-lhe uma enorme surriada :



«E' preta, é preta,
é preta!
Fôra o patarrão,
negro como um ti-
ção!
Só se tira a tranca
para a pata bran-
ca!
Mé-mé!»

E desataram a pular e a dansar.

O Lobo, muito triste, lá voltou por entre as sebes, salto aqui, salto acolá, a pedir conselho à amiga Raposa.

A Raposa pin-
pou-lhe a pata com tinta branca, e pô-la a secar ao pé do

fogo. Quando a tinta estava sêca, disse ao Lobo :

— «A tinta é que já não sai como saiu a farinha. Volta à cabana. Mas hás de trazer-me dois Cabritinhos.»

— «Está combinado,» respondeu-lhe o Lobo.

E dirigiu-se o Lobo, outra vez, para a cabana da Cabra, escondendo-se nas sebes o mais que podia, para ninguém o vêr.

Ora, a Cabra já tinha voltado à sua cabana, onde os filhos lhe contaram tudo o que sucedera.

E a Cabra disse aos Cabritos :

— «Bem fizeram vossês em não abrir. Era decerto o Lobo que as queria comer. E' capaz de voltar ainda. Mas eu o ensina-
rei!»

E a Cabra pegou num monte de palha e nuns cavacos, pôs tudo sobre o lar da chaminé, e tapou o meio da entrada com uma mó.



De aí a pouco bateu o Lobo á porta da cabana :
— Trus-trus!

E os Cabritinhos, ensinados pela mãe, responderam-lhe :

«A mãe abalou,
a porta fechou;
mas entre quem é
pela chaminé.
Mé-mé!»



Bôa idea! pensou o Lobo lá com sigo. Vou entrar pela chaminé!

Deu um salto para o telhado, outro para cima da chaminé, e outro por ela abaixo.

A Cabra, mal o viu sôbre o lar, deitou fogo à palha, e o Lobo morreu queimado.

(De um conto popular fran-
cês).

Antonio Sergio.



Dedução logica

— Olha lá, para que serve este carroto com fios?

— E' para a telegrafia com fios.

— E aquele sem fios?

— Ora para que ha-de ser! Para a telegrafia sem fios.

Adivinhas

1

Era certo, não faltava
Na antiga feira em Belem;
E agora está entre as mãos
De quem o lê e está bem!?

2

E' o orgulho de Sintra
E das aves cobedor;
Ninguém gostando de a fer,
Quere-lhe muito o escritor!?

Decifração das anteriores :

- 1 — Bola
- 2 — Mexilhão
- 3 — Galo
- 4 — Travessa



PAPIM PAPANDO

Música de *Fernando Ferrão*

Para a *Milita*

Versos de *Augusto de Santa-Rita*

f

O Pa-pim pa-pa-pa-pi — nha pa-pa-pa-pa-pa-pa-pa

f

— pa — pa-pi-nha pa-pa-de — pão

f

Se o Papim não papar — pa o Papão papo-pa-pim

f

allegro

E o papim papar pa — pa P'ra quem não papo o — pão

Ritardando

HORA DO RECREIO

Habilidades com fosforos

Estas distrações são muito triviais, mas ha sempre quem goste de se entreter com elas e por isso aqui apresentamos umas cinco habilidades para fazer passar um serão divertido aos amadores deste genero.

Entale-se na fenda de uma caixa de fosforos um pouco aberta, um fosforo (de pau) meio partido pelo centro, com a cabeça para o lado de baixo. Encosta-se depois a este um outro fosforo, como se vê na fig. 1.

E' preciso tomar cuidado que as duas cabeças fiquem em contacto; aproximando então delas um fosforo acêso, ver-se-ha o fosforo de baixo levantar-

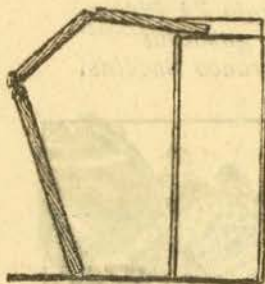


FIG. 1.

se devagarinho do chão e balouçar-se no ar.

Outra habilidade, interessante sob o ponto de vista científico, depende duma propriedade curiosa que tem a qualidade da madeira de que os fosforos são feitos.

Uma moeda de tamanho bastante pequeno para passar pelo gargalo de uma garrafa, coloca-se sobre um fosforo meio partido deitado em cima da boca da garrafa, como se vê na fig. 2. Deita-se então um pingo de agua no angulo que forma a parte partida do fosforo; os dois braços abrir-se-hão devagar e a moeda, faltando o amparo, cairá dentro da garrafa.

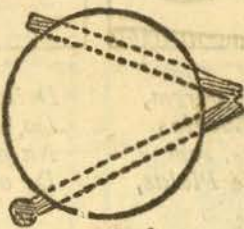


FIG. 2.

Uma habilidade bonita e simples ao mesmo tempo, baseada nos mesmos principios da anterior, faz-se da seguinte maneira! Pega-se em cinco fosforos quasi partidos pelo meio e dispõem-se em forma de estrela, como indica a fig. 3. Deita-se no centro uma gota de agua e os cinco fosforos abrir-se-hão devagar e formarão a fig. 4.

Por ultimo, outra habilidade igualmente simples, mas engraçada. Dispõem-se em forma de estrela (fig. 5) oito fosforos de pau, na superficie de uma tijela com agua, tomando cuidado que só a parte de baixo dos fosforos fique molhada.

Em seguida pega-se numa varinha de condão, um pausinho arranjado de forma a parecer ébano com as pontas de parafim. Este consiste em geral, de um canudo de folha, coberto de tinta preta. Não esquecer todavia, as pontas de marfim, que são feitas, uma de sabão e a outra de assucar.

Explica-se aos espectadores que os fosforos obedecerão ás ordens do executante e que este pode fazê-los juntar ou afastar como quizer.

Consegue-se isto, mergulhando a varinha no centro da estrela, usando a extremidade coberta de assucar para atrair os fosforos e a coberta de sabão para os afastar.

E' claro que todo o segredo está no facto que o assu-

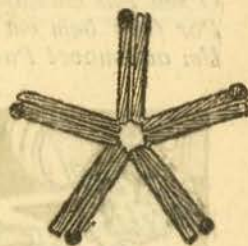


FIG. 3.

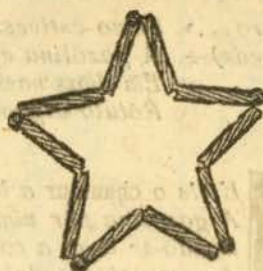


FIG. 4.



FIG. 5.

car, absorvendo a agua, faz com que os fosforos se juntem, enquanto o derreter do sabão, impelindo a agua, os afasta.

ANEDOTAS INFANTIS

I

Um menino rico segurava um dia, com grande dificuldade pela coleira, o seu magnifico Terra Nova que arremetia furioso para um menino pobre, que estava admirando o lindo cão.

Vendo-o tão bravo, o menino pobre pergunta ao menino rico: — Olha lá, porque é que o teu cão arremete comigo e não te morde tambem?

— Porque já me conhece!

O menino pobre, tirando a mão do bolso e avançando um passo:

— Nêsse caso apresenta-mo; olha, eu sou o Fagulha.

II

Diga-me, menino Pim, quais são os quatro pontos

cardiais? perguntava, ha dias, num exame, o seu professor. E como êle não respondesse:

— Vamos... então?! sabe com certeza... Eu vou auxiliá-lhe a memoria: — Este...

Pim, numa expressão de quem se lembra, muito contente:

— Este, esta, aquele, aquela!

III

O pequenito Alberto deixou cair para cima da toalha um pedaço de gelêa.

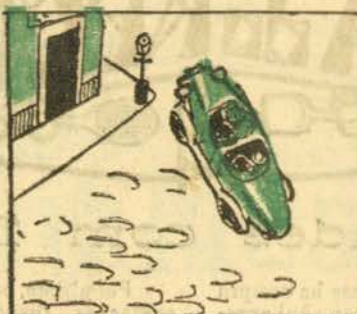
A mãe: — Albertinho, a tua gelêa é para ser comida do prato e não de cima da mêsã.

O Albertinho: — Já experimentei assim, mamã; mas ela não quer estar quieta, está muito nervosa.

Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



Ao nosso garotão Pim,
O seu Pai mandou comprar,
Por ficar bem em latim,
Um automovel Packard.



A caminho do passeio,
Ao dobrar de certa esquina,
O Packard estaca a meio...
Por falta de gasolina.



Por acaso, nessa esquina,
Na Tasca do Zé Piélas,
Vendia-se gasolina
E vinho branco Bucélas.



—«Gasolina para o carro...»
—(O chauffeur, ligeiro, pede)—
E vinho para o catarro...
E para matar a sede.



Como estivessem, porem,
A gasolina e o Bucélas
Em duas vasilhas, sem
Rótulo algum, Zé Piélas,



Deita o vinho no deposito
Do automovel, á esquina...
Na persuasão, no proposito
De o encher de gasolina.



E eis o chauffeur a beber
A gasolina por vinho;
Pondo-se logo a correr
A nove pelo caminho!

E o automovel, coitado,
Por beber a vez primeira,
Fica logo atordoado,
Com tamanha bebedeira!



P Á P I M A O E S T U D O

Lê-se assim:
(Dize comigo, vá lá...)
—P... A... Pa.
P... I... M... Pim;
(Lê, vá...)
Papim!

E PáPim concentrava em seu olhar profundo,
Toda a sua atenção para aprender a ler!
Entanto, na cartilha azul do mar, ao fundo,
Ia um lindo vapor bem facil de entender.

D'O Mundo dos Meus Bonitos»

Agora aqui; vá, lê...
Aqui, aqui:—um D,
Um E, um U, um S...
(Ai, mas PáPim não lê,
Pois inda vai no E
E já do D se esquece.

Entanto, na cartilha azul dos vastos ceus,
Passava uma andorinha à luz de um lindo poente;
E num rápido olhar, quasi inconscientemente,
A alma de PáPim lia a palavra:—Deus!

AUGUSTO DE SANTA-RITA.